

## DE PIRATINI AO URUGUAI: A REVOLTA DE ESCRAVIZADOS CAMPEIROS QUE NÃO OCORREU

VINICIUS CARDOSO NUNES; JONAS MOREIRA VARGAS

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [viniciusnunes03@gmail.com](mailto:viniciusnunes03@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jonasmvargas@yahoo.com.br](mailto:jonasmvargas@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a criminalidade escrava em Piratini, mais precisamente, a tentativa de insurreição de escravizados campeiros na localidade. Analisarei a tentativa de insurreição de escravizados<sup>1</sup> em Piratini, em que fica explícito que estes escravizados eram agentes não só em se organizar ou no caso aqui, tentarem se organizarem, mas também no entendimento das fronteiras entre escravidão e liberdade e da política da região fronteira entre a Província do Rio Grande de São Pedro e o Uruguai.

O marco teórico-conceitual que embasará a pesquisa será a história social, que conforme WESSELING (1992), estimulou a pesquisa histórica em diversas áreas dentre estas o tráfico de escravizados e as relações sociais, que para a pesquisa em desenvolvimento é relevante para o entendimento do funcionamento, HOBBSAWM (2013) a história social tem dentro de seus tópicos ou questões que este “campo” aborda, as classes e/ou grupos sociais, os movimentos sociais e também os fenômenos de protesto social, que ao meu entender são importantes para compreensão de uma provável insurreição de escravizados.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho será a de análise de um processo-crime de 1865 instaurado na Vila de Piratini na antiga Província do Rio Grande de São Pedro. Os processos-criminais são ricas fontes para o historiador pois permitem

---

<sup>1</sup> Neste trabalho optei por usar em textos que escrevi o termo escravizado ao invés de escravo. Isto porque durante a disciplina de Africanidades cursada no ano de 2023/1, o Professor Paulo Roberto Staudt Moreira suscitou este debate e a partir daí pensando no agente que o indivíduo escravizado irei utilizar este termo e não escravo. O termo escravo manterei nos textos originais como citações de livros, artigos e fonte documental. Em Pessoas comuns histórias incríveis os autores destacam que enquanto o termo escravo, tem em si um conceito de “objeto”, de “coisa”, ou seja, essas pessoas não teriam consciência dos caminhos que deveriam seguir em sua existência, sendo eles sujeitos passivos. O termo escravizado por sua vez, aponta ou destaca a capacidade de raciocinar e de ação deles, dando um valor de agência ao escravizado. Sobre o tema ver: SILVA, Fernanda O.; SÁ, Jardélia R.; GOMES, Luciano da C.; ROSA, Marcus Vinícius de F.; PERUSSATTO, Melina K.; SILVA, Sarah C. A.; SANTOS, Sherol dos. Colonos de pele negra: história de africanos e de seus descendentes na formação do Rio Grande do Sul. In: **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017, pg. 12. Ver também: TAILLE, Elizabeth. SANTOS, Adriano dos. SOBRE ESCRAVOS E ESCRAVIZADOS: PERCURSOS DISCURSIVOS DA CONQUISTA DA LIBERDADE. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE, Campinas, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf) Acessado em: 25/06/2023

encontrarmos “ali ricas narrativas sobre sujeitos que não tiveram a oportunidade de deixar para a história outros tipos de registros (ALVES, 2015, pg. 13)”. Mesmo sabendo das pressões praticadas pelos órgãos repressivos como a polícia, por exemplo, em muitos casos estas pessoas contavam seus cotidianos ou as maneiras que eram tratados no cativeiro, as solidariedades com outros escravizados e escravizadas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Era verão de 1865, provavelmente um tempo seco, de muito calor, em um domingo se iniciaria uma revolta de escravizados em Piratini. O plano consistia em os escravizados se reunirem no dia 4 de fevereiro nos campos de Vicente Madrugá, local conhecido como Capororoca, na estrada para Bagé. Ao chegarem no local da reunião, todos os envolvidos deveriam portar uma fita branca no chapéu, como sinal de que tinham aceitado o convite e sabiam do plano. Após isto o passo seguinte seria atacarem a Vila de Piratini roubar o que conseguissem, matarem os escravistas e todos os homens brancos da localidade, roubar as “moças brancas” e fugirem ao Estado Oriental. O ato de fugir para o Estado Oriental, do conhecimento que estes escravizados tinham da fronteira posso compreender que se dava de suas interações com a população tanto livre quanto escravizada, até pelo fato de quase todos terem nascido quando o Estado Oriental iniciava seu processo de abolição<sup>2</sup>.

As investigações apresentaram que além de todo contexto de rompimento com o escravismo havia o entendimento do contexto político em que se encontrava o Império brasileiro ao se intrometer nas questões do Estado Oriental. Os *blancos*, seriam segundo as investigações um elemento nesta trama, que não foi adiante, devido ao insucesso que provavelmente tenha sido delatado por alguém. Tendo um homem chamado Ambrósio de Tal como um dos influenciadores da tentativa de insurreição. Algo que não ficou claro na transcrição da documentação.

Dentre os escravizados envolvidos Casemiro<sup>3</sup> foi citado como o cabeça e como sedutor de convidar os demais escravizados. Foram 12 escravizados interrogados pelas autoridades de justiça, todos campeiros, o que demonstra uma autonomia e mobilidade destes sujeitos conforme MONSMA (2013). Casemiro foi convidado por Thomé<sup>4</sup>. Os demais escravizados negaram perante seus interrogatórios terem aceitado participar da tentativa de insurreição por seus escravistas serem, segundo eles: “bons senhores<sup>5</sup>. Segundo Casemiro, o escravizado Thomé era “o cabeça ou influente<sup>6</sup>”, isto porque Thomé quando foi explicar o plano não falou mais nenhum nome, o que Casemiro disse que era “invenção sua<sup>7</sup>” (Thomé). Após o contato de Thomé, Casemiro convidou Alexandre, Demenciano, Lino, Silvano e José, e estes “estavam prontos<sup>8</sup>”. Segundo Casemiro

---

<sup>2</sup> Ver: (MONSMA, 2013, pg.43)

<sup>3</sup> Rio Grandense, preto, 26 anos, campeiro e lavrado, solteiro, escravizado de João Antônio d'Ávila.

<sup>4</sup> Rio Grandense, preto, 36 anos, campeiro e lavrador, solteiro, escravizado de José Ulino da Rosa.

<sup>5</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo nº: 1210, M:29, E:143.

<sup>6</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo nº: 1210, M:29, E:143, Pg. 12 verso.

<sup>7</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo nº: 1210, M:29, E:143, Pg. 12 verso.

<sup>8</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo nº: 1210, M:29, E:143, Pg. 13 frente.

ele convidaria os escravizados do sul do município e Thomé os do norte da localidade. Seriam segundo o depoimento de Casemiro em torno de 20 a 30 escravizados.

Thomé, por sua vez, afirmou que foi convidado por André<sup>9</sup>, negou o convite feito por André, porque segundo ele: “porque vinham os Brancos para cá, e que de toda maneira estavam mal tanto ele respondente como ele André que lhe convidava<sup>10</sup>.” Segundo Thomé, André era o cabeça da fuga, não sabendo outro nome. Afirmou não convidar ninguém para o plano e nem ter combinado com Casemiro a divisão de convite de escravizados do Município. Thomé contou ainda que soube terem sido convidados por André os escravizados Pedro e Felisberto, e que não sabia se estes haviam aceitado pois no momento da conversa entre Thomé e André chegou a escravista de André. Thomé não denunciou o convite a sua senhora, pois, não concluiu o assunto com André.

Já André disse ter sido que afirmou ter sido convidado por Casemiro para fugir ao Estado Oriental; negou o convite dizendo que seus senhores eram bons; não entregou Casemiro por não ter feito caso do convite feito. Disse que o local do encontro seria “no Paço de Candiota grande e o dia marcado era no sábado<sup>11</sup>”, não sabia nenhuma informação sobre o plano dos escravizados, mas tinha a informação de que Thomé convidou outros escravizados sendo eles: Matheus escravizado da família Ribeiro, e o preto José escravizado de Francisco de Lima Simões Pires. Negou ter convidado Thomé. Sobre o Oriental Ambrósio de Tal, André disse que o via de conversa de Thomé e que desconfiava que daquela relação poderia ter emergido essa tentativa de insurreição.

Uma das testemunhas, Thomás Leite de Farias<sup>12</sup> conhecia os réus a 12 anos, deu informações valiosas sobre como depuseram as testemunhas anteriores, e o que haviam lhe dito antes de ficarem a frente das autoridades<sup>13</sup>. Thomás afirmou ainda ter ouvido de Casemiro, que havia convidado a outros escravos para fugirem ao Estado Oriental. No caso de Piratini não fica descrito onde os escravizados planejavam a insurreição, me refiro ao caso de espaços de sociabilidade, conforme Pedroso pelo fato de serem campeiros havia uma mobilidade para que circulassem ou até mesmo em folguedos para articularem a insurreição.

#### 4. CONCLUSÕES

Provavelmente estes escravizados que negaram o convite de Casemiro o fizeram com entendimento das punições que sofreriam ao fazerem o inverso, ou seja, afirmarem que aceitaram o convite. Não só isso, exaltaram seus escravistas os descrevendo como “bons senhores”. Essa no meu entendimento é a mesma agência que tinham sobre a política no Estado Oriental, visto a fala de Thomé, bem como a provável liberdade ao atravessarem a fronteira. Provável, pois segundo Monsma, no ano de “1851 o Brasil e o Uruguai celebraram o tratado de Extradicação, que previa a devolução dos cativos fugidos (MONSMA, 2013, pg. 45).” O que não

<sup>9</sup> Rio Grandense, preto, 36 anos, campeiro e lavrador, escravizado de Urbano da Rosa Machado.

<sup>10</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo n°: 1210, M:29, E:143, Pg. 18 verso.

<sup>11</sup> Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo n°: 1210, M:29, E:143, Pg. 20 verso.

<sup>12</sup> 31 anos, casado, criador, rio grandense e residente em Piratini.

<sup>13</sup> “Perguntado se sabe se eles réus tinham projetado uma insurreição que pretendiam levar a efeito no dia cinco de fevereiro do corrente ano? Respondeu que sabe por ouvir dizer pelos próprios senhores dos ditos escravos, que eles não quiseram trabalhar e que se juntaram a fazer reuniões uns com os outros”. Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo n°: 1210, M:29, E:143, P.49 frente.

garantiria a liberdade de fato caso fossem pegos. Pois segundo o referido autor, os escravizados “rebeldes ou fujões podiam enfrentar castigos horríveis quando recapturados (MONSMA, 2013, pg. 44), logo o insucesso seria o erro derradeiro destes escravizados.

O plano em alguns depoimentos ao que se indica, em alguns momentos foi ter Casemiro omiti-lo, pois conforme MOREIRA (2011) ao analisar movimentos insurrecionais de escravizados no Rio Grande de São Pedro, o planejamento de uma insurreição o segredo era essencial para o sucesso da revolta. O caso em Piratini fica claro que a mobilidade dos escravizados, assim como o conhecimento da fronteira seria importante para uma fuga em que estes campeiros seriam protagonistas históricos, mas, que por alguém foi interrompido.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) – Processo-crime, Ano: 1865 – Processo nº: 1210 , M:29, E:143.

ALVES, Maíra Chinelatto. **Cativeiros em conflito: Crimes e comunidades escravas em Campinas (1850-1888).** 2015. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo.

HOBBSAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: **Sobre História.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013, pg. 106 - 135

MONSMA, Karl. RESISTÊNCIA COTIDIANA, FUGAS E A DOMINAÇÃO NEGOCIADA: OS CAMPEIROS ESCRAVIZADOS DO RIO GRANDE DO SUL. *Raízes*, v.33, n.2, jul-dez /2013, pg. 29 – 52.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Seduções, boatos e insurreições escravas no Rio Grande do Sul na segunda metade dos oitocentos. In: *V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2011. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br>>.

SILVA, Fernanda O.; SÁ, Jardélia R.; GOMES, Luciano da C.; ROSA, Marcus Vinícius de F.; PERUSSATTO, Melina K.; SILVA, Sarah C. A.; SANTOS, Sherol dos. Colonos de pele negra: história de africanos e de seus descendentes na formação do Rio Grande do Sul. In: **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense.** Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017, pg. 12.

TAILLE, Elizabeth. SANTOS, Adriano dos. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. **III SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**, Campinas, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf)  
f Acessado em: 25/06/2023

WESSELING, Henlc. História de além-mar. In: BURKE, Peter (Org). **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992, Capítulo 4, pg. 97 – 131.